

Dissincronias e o insólito: o tempo em desalinho

Profa. Dra. Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani¹

Resumo:

Neste trabalho, discutirei a noção de tempo e o efeito insólito que experiências temporais dissincrônicas podem causar, buscando exemplos em narrativas ficcionais. O principal fundamento para tais reflexões está ancorado na expressão "dissincronias do sincrônico", tal como utilizada por alguns teóricos contemporâneos, sobretudo Hans Ulrich Gumbrecht e Niklas Luhmann. O trabalho buscará, também, construir uma escrita acadêmico-experimental que seja, ela própria, um experimento discursivo provocador de efeitos insólitos exatamente por não corresponder às expectativas que leitores especializados têm em relação a textos teóricos.

Palavras-chave: efeito insólito, conceitos de tempo, escrita acadêmico-experimental, dissincronia do sincrônico

1 Introdução

- 2 Algumas palavras iniciais e pressupostos
- 3 Meu olhar sobre o insólito se dá via teorias da recepção e do efeito, ou seja, tenho interesse em saber como se dá o efeito do insólito no leitor, ou por meio de quais procedimentos se dá o efeito do insólito no leitor individual ou no público leitor enquanto grupo que partilha pressupostos minimamente comuns.
- 4 De certa forma, de Jauss a Iser, é possível remontar ao fundamental texto de Vitor Chklovski “A arte como procedimento” no qual teórico russo, de alguma forma já discutia, o conceito de “estranhamento”, estabelecendo que a boa arte seria aquela capaz de retirar o leitor de seu estado de automatismo e falta de percepção da sua realidade cotidiana. Para Chklovski, assim como para Jauss, que retoma parcialmente o conceito de Chklovski em seu texto programático “História da literatura como provocação à teoria literária” (1967) a boa literatura teriam a função social de despertar o leitor de seu estado de automatismo, acostumado que está à sua realidade sem criticá-la.
- 5 Tais questões estão sim subjacentes neste meu ensaio, mas, sobretudo, eu pretendo, a partir desses pressupostos, arriscar-me em um experimento de denomino escrita acadêmico-experimental.
- 6 Esse experimento se insere em parte de minhas atuais pesquisas nas quais tenho buscado estudar outras formas de escrita possíveis, interessantes e eficientes para a expressão da produção de conhecimentos. No momento, tenho estudado a forma do diálogo - que nada tem de novo, pois remonta a Sócrates, mas tem tido um espaço pequeno como forma de expressão de conhecimento formal - e com ele o gênero da entrevista. O experimento que me interessa provocar com o texto-experimento que apresentarei a seguir explora uma outra forma de escrita alternativa, que por ora me absterei de dizer qual é exatamente para não quebrar o esperado efeito insólito que, naturalmente, depende de salvaguardar essa surpresa ao leitor.
- 7 De qualquer forma, devo dizer que o trabalho que apresentarei a seguir tem por pressupostos

experimentos propostos pelos assim denominados antropólogos pós-modernos, ou do chamado Círculo de Rice, ou da “nova antropologia”, ou da “antropologia pós-moderna”, todas denominações mais ou menos precisas que tentaram caracterizar o movimento ocorrido no campo da antropologia americana na década de 1980; movimento este que fez uma importante crítica ao modo tradicional e consagrado de produzir e escrever etnografias. A proposta desses antropólogos, entre eles James Clifford e George Marcus, era buscar alternativas para a escrita etnográfica tradicional que, como todas as escritas de ambições científicas, se baseava no uso preferencial da narrativa, na construção argumentativa com apelos à retórica e à autoridade construída sobre a noção de autoria única, escolhas que rendiam um texto monofônico. A proposta desses antropólogos pós-modernos era, ao contrário, buscar procedimentos de escrita que enfatizassem a polifonia e a alteração do jogo da escrita acadêmica no campo da antropologia. O efeito esperado pelos antropólogos desse movimento era que as questões tomadas a partir **da forma** tivessem um alcance metodológico e epistemológico. Algo que, eles próprios reconheceram tempos depois, só raramente foi alcançado (VERSIANI: 7Letras, 2005).

James Clifford, em ensaio intitulado, “Sobre o surrealismo etnográfico” (CLIFFORD: 1998), propõe o aproveitamento de experimentos dos escritores modernos surrealistas no campo da produção de etnografias. George Marcus, em *Ethnography through Thick and Thin* (MARCUS: 1998) coloca em destaque algumas etnografias às quais denomina “multisited ethnographies” – etnografias multisituadas – nas quais o trabalho e a pesquisa de campo, local privilegiado para a produção da etnografia pela antropologia tradicional, são substituídos por um modo de produção de conhecimento etnográfico que incorpora os cada vez mais frequentes deslocamentos de seus autores, os quais, querendo ou não, estão imersos em um mundo globalizado, que deles exige constantes errâncias.

- 8 Outra contribuição que faz parte de meus pressupostos para a composição do texto que lerei para vocês a seguir, é a noção de “dissincronia do sincrônico”. As expressões “dissincronia do sincrônico” ou “simultaneidade do não simultâneo” são cada vez mais percebidas em nossas vidas, em nosso cotidiano. A minha tentativa aqui, hoje, **é encenar**, no texto a seguir – a sincronia de uma série de conceitos, textos, sensações temporais que, muitas vezes, ou, boa parte das vezes, ocorreram entre intervalos temporais significativos (noção de tempo), e em campos do conhecimento distintos (noção espacial) . Desse jogo da dissincronia do sincrônico convido os leitores a participar, e a vivenciar como uma “escrita acadêmico-experimental” alternativa, que pode, ou talvez possa, ser interessante para o campo dos estudos literários, teóricos, e crítico-literários. .
- 9 Sei que este experimento poderá resultar em fracasso retumbante. Acredito, de fato, que ele tenha mais chances de resultar em fracasso que em sucesso. Mesmo assim insistirei. E pedirei aos leitores que, se puderem e quiserem, me participem suas sensações diante do texto. O modo como receberem este tão singelo quanto – não serei hipócrita – desafiador experimento me é muito caro pelas contribuições, pela troca de sensações, contribuições que poderão, e certamente levarão, a mudanças nos rumos do eu atual projeto de pesquisa, que se funda na **relação entre a forma e produção e expressão de conhecimento**.

Antes de passar ao texto-experimento, uma última observação: este projeto metodológico parte da valorização de ações de ordenação, seleção, composição, edição de materiais textuais vários, em detrimento de estratégias argumentativa de textos acadêmicos tradicionais, apostando alto na intensa contribuição do ouvinte/leitor na construção de sentidos sobre o tema aqui abordado – **o tempo em desalinho**. Por fim, desejo reafirmar que não pretendo em absoluto diminuir a importância da forma argumentativa tradicional de produção e expressão de conhecimentos. Quero apenas pesquisar como outras formas alternativas são capazes, também elas, de os produzir.

Seção 1. Dos conceitos

Não há conceito simples. Todo conceito tem componentes, e se define por eles. Tem portanto uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceitotodo conceito tem um contorno irregular, definido pela cifra de seus componentes. É por isso que, de Platão a Bergson, encontramos a idéia de que o conceito é questão de articulação, corte e superposição. É um todo, porque totaliza seus componentes, mas um todo fragmentário..... Todo conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução.. (DELEUZE, *O que é a filosofia?*, p, 27-28)¹

Evidentemente todo conceito tem uma história. (DELEUZE, *O que é a filosofia?*, p, 29)

Toda a concepção da história é sempre acompanhada de uma certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz. Da mesma forma, toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo, e uma nova cultura não é possível sem uma transformação desta experiência. Por conseguinte, a tarefa original de uma autêntica revolução não é jamais simplesmente “mudar o mundo”, mas também e antes de mais nada “mudar o tempo”. (AGAMBEN, *Infância e história*, p.111)

A concepção que a antiguidade greco-romana tem do tempo é fundamentalmente circular e contínua. (AGAMBEN, *Infância e história*, p.112)

....a imagem que cria a conceitualização cristã [de tempo] é a de uma linha reta. (AGAMBEN, *Infância e história*, p.114)

A concepção do tempo da idade moderna é uma laicização do tempo cristão retilíneo e irreversível, dissociado, porém, de toda idéia de um fim e esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. Esta representação do tempo como homogêneo, retilíneo e vazio nasce do trabalho nas manufaturas e é sancionada pela mecânica moderna. (AGAMBEN, *infância e história*, p.117).

O sistema Hopi faz intervir três tipos de dimensões temporais. Um corresponde à linhagem materna (é o Ego feminino); é um tempo cronológico, progressivo e contínuo, onde se sucedem, em ordem, os termos avó, mãe, (Ego), filha neta. Trata-se pois de um contínuo genealógico. Ora, os contínuos em que se desenvolvem as outras linhagens têm propriedades diferentes. Na linhagem da mãe do pai, indivíduos pertencentes a várias gerações são denominados todos com um mesmo termo: assim uma mulher é sempre uma irmã do pai, quer se trate de uma mãe, de sua filha ou da filha desta. O contínuo é um quadro vazio, no seio do qual nada acontece, nem se produz. A linhagem materna (para Ego masculino) se desenrola num terceiro tipo de contínuo onde, geração após geração, os indivíduos alternam entre duas classes: a dos ‘irmãos’ e a dos ‘sobrinhos’. (CLAUDE LEVI-STRAUSS, *Antropologia estrutural*, p. 92-93)

... na relatividade (...) todos os observadores *deverão* concordar com a rapidez da trajetória da luz. Podem ainda, entretanto, não concordar com a distância percorrida, tendo então, agora, que

¹ Devido aos objetivos aqui almejados – aqueles de ensaiar uma escrita acadêmico-experimental, considero necessário indicar, no corpo do texto, não apenas o nome do autor, mas também a obra da qual foi retirada a citação. Por isso não obedecerei, neste trabalho, às normas da ABNT. No entanto, ao final do trabalho, o leitor encontrará a bibliografia apresentada de acordo com as regras da ABNT.

discordar também quanto ao tempo gasto no evento. O tempo gasto é, ao fim e ao cabo, apenas a velocidade da luz – sobre a qual os observadores concordam – multiplicada pela distância que a luz percorreu – sobre a qual eles não concordam. Em outras palavras, a teoria da relatividade sela o fim do conceito de tempo absoluto! (Stephen W. Hawking, *Uma breve história do tempo. Do big bang aos buracos negros*, p. 44)

Os neurólogos, os psicofisiólogos, distinguem uma memória longa e uma memória curta (da ordem de um minuto). Ora, a diferença não é somente quantitativa: a memória curta é de tipo rizoma, diagrama, enquanto que a longa é arborescente e centralizada. (DELEUZE & GUATTARI, *Mil platôs*, p. 25)

Seção 2. Cosmogonias

Antes de existir o oceano, a terra, o céu,
A Natureza era toda igual, um disforme
Caos, constituído de matéria grosseira, nada além de uma massa inerte, dentro da qual uma tensão
Discordante de átomos guerreava

(OVÍDIO, *As metamorfoses*, Livro I, p. 9)

Era um breu total – confirmou o velho Qfwfq -, eu era ainda menino, e mal me lembro disso. Ficávamos lá, parados como sempre, com o papai, e a mamãe, a nonna Bb'b, uns tios que tinham vindo nos visitar, e o senhor Hnw, aquele que depois virou cavalo. (...) Não havia modo de calcular o tempo, todas as vezes que nos púnhamos a contar os giros/as voltas da nebulosa surgiam contestações, já que, no breu, não havia pontos de referência, e terminavam por discutir.(ITALO CALVINO, “Ao raiar do dia”, *Tutte le cosmicomiche*, p. 25) (Tradução minha)²

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus... E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (JOÃO 1:1-2,14)

(...) tudo era um caos (...) e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem os vermes, e esses foram os anjos. (Menocchio, o moleiro de *O queijo e os vermes* de CARLO GINZBURG, p. 119)

No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. E disse Deus: Haja luz; e houve luz. (Gênesis 1:1-3)

Eu acredito que não se possa fazer nada sem matéria e Deus também não poderia ter feito coisa alguma sem matéria. (Menocchio, o moleiro de *O queijo e os vermes* de CARLO GINZBURG, p. 135-136).

Alguém devia ter contado mentiras a respeito de Joseph K., pois não tendo feito nada de condenável, uma bela manhã, foi preso. (Princípio de *O processo* de FRANZ KAFKA, p. 7)

Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo. Às vezes mal apagava a vela, meus olhos se fechavam tão depressa que eu nem tinha tempo de pensar: ‘adormeço’. (Princípio de *A caminho de Swann - Em busca do tempo perdido* de MARCEL PROUST, p. 07)

² Buio pesto, era – confermò il Vecchio Qfwfq, - io ero bambino ancora, me ne ricordo appena. Stavamo lí, al solito, col babbo e la mamma, la nonna Bb'b, certi zii venuti in visita, il signor Hnw, quello che poi diventò un cavallo, e noi più piccoli. (...) Modo di calcolare il tempo non ce n'era tutte le volte che ci mettevamo a contare i giri della nebula nascevano delle contestazioni, dato che al buio non avevano punti di riferimento; e finivano per litigare. (ITALO CALVINO, *Sul far del giorno, Tutte le cosmicomiche*, p. 25).

Muitos anos depois, diante do pelotão de fuzilamento, o Coronel Aureliano Buendía havia de recordar aquela tarde remota em que seu pai o levou para conhecer o gelo. (Princípio de *Cem anos de solidão* GABRIEL GARCIA MARQUEZ, p. 7).

Seção 3. *In media res*

Durante seus últimos poucos meses de vida, minha mãe frequentemente me falava, em tom de queixa, sobre o tormento que era tentar dormir. Ela estava em Washington, e eu em Nova York; conversávamos constantemente, nos víamos mais ou menos uma vez por mês. Seu câncer estava se espalhando, eu sabia. Ela se recusava a receber quimioterapia: (...) , dizia, ‘Não quero passar por essa tortura’. Anos depois foi minha vez de me submeter em vão a tal tratamento durante quatro anos devastadores... (EDWARD SAID, *Fora de lugar*, p. 427, 428)

Às vezes sinto como um feixe de correntes que fluem. Prefiro isso à idéia de um eu sólido, à identidade a que tanta gente dá importância. Essas correntes, como os temas da vida de uma pessoa, fluem ao longo das horas de vigília e, em seu melhor estado, não requerem nenhuma reconciliação, nenhuma harmonização. (EDWARD SAID, *Fora de lugar*, p. 427, 428)

1. Julho de 1943
2. Julho agosto de 1943
3. Agosto-novembro de
4. Novembro de 1943 - janeiro de 1944
5. Janeiro-maio de 1944
6. Maio de 1944
7. Junho-julho de 1944
8. Julho-agosto de 1944
9. Setembro de 1944-janeiro de 1945
10. Janeiro-fevereiro de 1945
11. Fevereiro-julho de 1945
12. Julho-agosto de 1945

(Índice de *Se não agora, quando?*, de PRIMO LEVI)

20 de janeiro. Veio a aurora. Era o meu turno para acender a estufa. Além da debilidade geral, as juntas doendo lembravam-me a cada instante que a minha escarlatina não se fora. (PRIMO LEVI, *É isto um homem?*, p. 163)

23 de janeiro. Nossas batatas haviam acabado. Fazia dias que corria pelos Blocos o boato de um enorme silo cheio de batatas, situado em alguma parte, não muito longe, além da cerca. (PRIMO LEVI, *É isto um homem?*, p. 169)

Mire veja: aquela moça, meretriz, por lindo nome Nhorinhá, filha de Ana Duzuza: um dia eu recebi dela uma carta: carta simples, pedindo notícias e dando lembranças, escrita, acho que, por outra alheia mão. Essa Nhorinhá tinha lenço curto na cabeça, feito crista de anu-branco. Escreveu, mandou a carta. Mas a carta gastou uns oito anos para me chegar; quando eu recebi, eu já estava casado. Carta que se zanzou, para um lado longe e para o outro, nesses sertões, nesses gerais, por tantos bons préstimos, em tantas algibeiras e capangas. Ela tinha botado por fora só: *Riobaldo que está com Medeiro Vaz*. E veio trazida por tropeiros e viajores, recruzou tudo. Quase não podia mais se ler, de tão suja dobrada, se rasgando. Mesmo tinham enrolado noutro papel, em canudo, com

linha preta de carretel. Uns não sabiam mais de quem tinham recebido aquilo. Último, que me veio com ela, quase por engano de acaso, era um homem que, por medo da doença do *toque*, ia levando seu gado de volta dos gerais para a caatinga, logo que chuva chovida. Eu já estava casado. Gosto de minha mulher, sempre gostei, e hoje mais. Quando conheci de olhos e mãos essa Nhorinhá, gostei dela só o trivial do momento. Quando ela escreveu a carta, ela estava gostando de mim, de certo; e aí já estivesse morando mais longe, magoal, no São Josezinho da Serra — no indo para o Riachodas-Almas e vindo do Morro dos Ofícios. Quando recebi a carta, vi que estava gostando dela, de grande amor em lavaredas; mas gostando de todo tempo, até daquele tempo pequeno em que com ela estive, na Aroeirinha, e conheci, concernente amor. Nhorinhá, gosto bom ficado em meus olhos e minha boca. De lá para lá, os oito anos se baldavam. Nem estavam. Senhor subentende o que isso é? A verdade que, em minha memória, mesmo, ela tinha aumentado de ser mais linda. (RIOBALDO/GUIMARAES ROSA, *Grande Sertão Veredas*, p. p.68)

*Todo dia 05 de abril, ela lembrava-se dele.
Trinta vezes. Trinta anos.
Ela lembrava-se dele, por seu aniversário.
Então, numa tarde qualquer,
como quem caminha distraída pelo bosque,
e ousa olhar para trás,
foi buscar notícias.
Notícias para... sabe-se lá... apenas saber.
Pois, ao procurar, descobriu que ele estava morto havia doze anos.
Doze anos.
Agora ela continua a lembrar.
Todos os dias, todas as horas, a cada segundo.
Porque – sabendo - o amor dela por ele ficou enorme.
Ficou gigante. Virou grande “amor em lavaredas”.*

Daniela Beccaccia Versiani
05-04-1999, 7-04-1999, 02-04-2010
e ainda hoje

Tengo la extraña sensación de haber vivido dos vidas. La que está escrita em los cuadernos y la que está fija en mis recuerdos. Son figuras, escenas, fragmentos de diálogos, restos muertos que renacen a cada vez. Nunca coinciden o coinciden em acontecimientos mínimos que se disuelven en la maraña de los días. (RICARDO PIGLIA, *Prisión perpetua*, p. 19)

Toda noite, no beiral das muralhas, Drogo punha-se a esperar, toda noite a luz parecia se aproximar e se tornar maior. Muitas vezes devia ser apenas uma ilusão, nascida do desejo: outras, porém, era um progresso real, tanto que finalmente uma sentinela avistou-a a olho nu. (DINO BUZZATTI, *O deserto dos tártaros*, p. 204)

Faz tanto tempo que tomei ópio pela primeira vez que, se tivesse sido um acontecimento insignificante na minha vida, já teria esquecido a data. Mas acontecimentos decisivos não são para ser esquecidos, e, a partir de circunstâncias a ele ligadas, deve ter ocorrido durante o outono de 1804. Eu estava nessa época em Londres. (THOMAS DE QUINCEY, *Confissões de um comedor de ópio*, p. 77)

Seção 4. *Finis*

O quarto está repleto de escuridão, somente com muito custo pode-se enxergar a brancura da cama, todo o resto é negro. Daqui a pouco deverá surgir a lua.

Terá tempo, Drogo, de vê-la ou terá que partir antes? A porta do quarto palpita com um leve estalo. Quem sabe é o sopro do vento, um simples redemoinho de ar dessas inquietas noites de primavera. Quem sabe, ao contrário, tenha sido ela a entrar, o passo silencioso, e agora esteja se aproximando da poltrona de Drogo. Fazendo força, Giovanni endireita um pouco o peito, ajeita com a mão o colete do uniforme, olha ainda pela janela, um brevíssimo olhar para sua última porção de estrelas. Em seguida, no escuro, embora ninguém o veja, sorri (Fim de *O deserto dos tártaros*, de DINO BUZZATTI, p. 243)

“no dia do Juízo ... não nos perguntarão outra coisa senão se demos de comer aos famintos, de beber aos sedentos, se vestimos os sem-roupa, visitamos os enfermos, demos pouso para os que passavam” (Menocchio, o moleiro de *O queijo e os vermes* de CARLO GINZBURG, p. 96”).

Fica conosco, Senhor, porque é tarde e o dia já declina (Lc, 24,29).

Seção 5. Da sincronidade ou do presente expandido ou com(tempo)râneas

Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe, em todo caso, que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo. A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é *a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, *O que é contemporâneo*, p. 59).

Desde os anos 70 (...) aquilo que percebemos como ‘presente’ foi consideravelmente ampliado – transformando-se num espaço de simultaneidade. (GUMBRECHT, 1926. *Vivendo no limite do tempo*, p. 468-9).

O esforço de Heidegger para eliminar as conotações espaciais de suas metáforas e conceitos pode (...) ser apenas o reverso daquela experiência particular que, na segunda parte de *Sein und Zeit*, o levou a enfatizar o tempo como o sentido do *Dasein*. (GUMBRECHT, 1926. *Vivendo no limite do tempo*)

Aeroportos são emblemas das relações espaço/tempo pós-modernas. (...) [Em um saguão de trânsito] se pode estar com o corpo concomitantemente em diversos tempos. Se [um] passageiro vem da Europa, então é possível que ele tenha tomado seu café da manhã ainda na Europa e que, após um segundo café da manhã no avião, sinta vontade de almoçar. Essa vontade corresponderia a um tempo social de seu corpo que ele trouxe consigo da Europa. Esse tempo estaria, por assim dizer, ‘presente espacialmente’ no corpo do viajante, mas entraria em conflito com o ‘tempo local’ dos empregados do restaurante do saguão, que – num horário tão cedo da *sua* manhã – oferecem apenas café e sanduíches de queijo. Mas estariam também nos tempos de nossa situação fictícia – talvez visível nos rostos cansados dos madrugadores -, nesse lugar *uno* do saguão de trânsito, os tempos dos passageiros vindos do Oeste dos Estados Unidos.(...). O presente *uno* das séries de relógios que se encontram em muitos terminais, mostrando os respectivos tempos dos diversos fusos horários, é essa temporalidade complexa. (GUMBRECHT, *Modernização dos sentidos*, 278-279-280)

O que hoje mais me interessa no campo da história, a *presentificação* de mundos passados - ou seja, as técnicas que produzem a sensação (ou melhor, a ilusão) de que os mundos do passado podem tornar-se de novo tangíveis – é uma atividade sem qualquer capacidade de explicar os valores relativos das diferentes formas de experiência estética (...). Mas como a nova concepção do campo da história partilha com o campo da estética o componente distintivo de presença, e como não pretende oferecer nenhuma orientação ética imediata ou mesmo ‘política’, o programa de presentificação presta-se à acusação tradicional de estar promovendo uma ‘estetização da história’. Minha primeira linha de defesa seria simplesmente devolver a pergunta sobre o que estaria errado com tal estetização da história. Finalmente, quanto ao campo do ensino, em anos mais recentes fui-me convencendo de que nem a experiência estética nem a experiência história (...) dispõem de nenhum potencial que pudesse resultar numa orientação superior ao comportamento e à ação, tanto em nível individual quanto coletivo. Além do mais, duvido que essa orientação, mesmo se estivesse imediatamente disponível, fosse uma função do nosso ensino, pelo menos em nível acadêmico. Pelo contrário, estou convencido de que a tarefa mais importante hoje que temos é confrontar os alunos com a complexidade intelectual, o que significa que devemos concentrar nossa atenção nos *gestos dêiticos*, apontando a condensação ocasional dessa complexidade. (GUMBRECHT, *Produção de presença. O que o sentido não consegue transmitir*, p. 123)

O fato ocorreu no mês de fevereiro de 1969, ao norte de Boston, em Cambridge. Não o escrevi imediatamente, porque meu primeiro propósito foi esquecê-lo para não perder a razão. Agora, em 1972, penso que, se o escrevo, os outros o lerão como um conto e, com os anos, o será talvez para mim. Sei que foi quase atroz enquanto durou e mais ainda durante as noites desveladas que o seguiram. Isto não significa que seu relato possa comover a um terceiro. Seriam dez da manhã. Eu estava recostado em um banco, defronte ao rio Charles. A uns quinhentos metros à minha direita havia um alto edifício cujo nome nunca soube. A água cinzenta carregava grandes pedaços de gelo. Inevitavelmente, o rio fez com que eu pensasse no tempo. A milenar imagem de Heráclito. Eu havia dormido bem; minha aula da tarde anterior havia conseguido, creio, interessar aos alunos. Não havia ninguém à vista. Senti, de repente, a impressão (que, segundo os psicólogos, corresponde aos estados de fadiga) de já ter vivido aquele momento. Na outra ponta de meu banco, alguém se havia sentado. Teria preferido estar só, mas não quis levantar em seguida, para não me mostrar descortês. O outro se havia posto a assobiar. Foi então que ocorreu a primeira das muitas inquietações dessa manhã. O que assobiava, o que tentava assobiar (nunca fui muito entoadado), era o estilo crioulo de La Tapera de Elias Regules. O estilo me reconduziu a um pátio lá desaparecido e à memória de Álvaro Mellián Lafinur, morto há muitos anos. Logo vieram as palavras. Eram as da décima do princípio. A voz não era a de Álvaro, mas queria parecer-se com a de Álvaro. Reconheci-a com horror.

Aproximei-me e disse-lhe:

- O senhor é oriental ou argentino?
- Argentino, mas desde o ano de 1914 vivo em Genebra
- foi a resposta.

Houve um silêncio longo. Perguntei-lhe:

- No número dezessete da Malagnou, em frente à igreja russa?

Respondeu-me que sim.

- Neste caso - disse-lhe resolutamente
- o senhor se chama Jorge Luis Borges. Eu também sou Jorge Luis Borges. Estamos em 1969, na cidade de Cambridge.
- Não - respondeu-me com a minha própria voz um pouco distante. Ao fim de um tempo insistiu:
- Eu estou aqui em Genebra, em um banco, a alguns passos do Ródano. O estranho é que nos parecemos, mas o senhor é muito mais velho, com a cabeça grisalha.

Respondi:

- Posso te provar que não minto. Vou te dizer coisas que um desconhecido não pode saber.

(JORGE LUIS BORGES, “O outro”, tradução de Lígia Morrone Averbuck, s/n).

Para Niklas Luhmann, a chave da transformação das estruturas temporais em nossa experiência não se encontra na espacialização do tempo, na sua linearização ou na própria expansão do presente, mas antes em sua sincronização. Nesta visão, o presente perde a sua importância anterior como terceira parte na totalidade triádica de passado-presente-futuro, transformando-se em experiência da diferença e desaparecendo no momento de sua realização. Na qualidade de diferença, o presente adquire a posição paradoxal de um ponto, a partir do qual o passado e o futuro podem ser observados em vista de sincronização. Neste modelo, a relação entre as diversas dimensões temporais deixa de ser explicitada pela causalidade, a favor da simultaneidade (OLINTO, “Historiografia (literária) entre passado e presente”, s/n)

Referências Bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Capecó. SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história. Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- BIBLIA SAGRADA.
- BORGES, Jorge Luis. “O outro”. <http://objetobscurio.blogspot.com/2009/07/o-outro-jorge-luis-borges.html> (acessado em 15/07/2011)
- BUZZATI, Dino. *O deserto dos tártaros*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CALVINO, Ítalo. *Tutte le cosmicomiche*. Milano: Mondadori, 1997.
- CHKLOVSKI, Vitor. “A arte como procedimento”. In: VÁRIOS AUTORES. Porto Alegre: Globo, 1976.
- CLIFFORD, James. “Sobre o surrealismo etnográfico”. In: CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998. p. 132-178.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1995.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença. O que o destino não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora PUC-Rio, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Em 1926. Vivendo no limite do tempo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HAWKING, Stephen. *Uma breve história do tempo. Do big bang aos buracos negros*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- KAFKA, Franz. *O processo*. São Paulo: Clube do livro, 1985.
- LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- LEVI, Primo. *Se não agora, quando?* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- MARCUS, George. *Ethnography through Thick and Thin*. : Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1998.
- MÁRQUEZ, Gabriel Garcia. *Cem anos de solidão*. Rio de Janeiro: Sabiá, s/d. (1ª publicação do autor 1967).
- OLINTO, Heidrun Krieger. “Historiografia (literária) entre passado e presente” <http://www.pgletas.uerj.br/gthistoria/olinto.php> (acessado em 15/07/2011).
- OVÍDIO. *As metamorfoses*. São Paulo: Madras, 2003.
- PIGLIA, Ricardo. *Prisión perpetua*. Buenos Aires: Companhia Editora Espasa Calpe, 1998.
- PROUST, Marcel. *No caminho de Swann – Em busca do tempo perdido*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

QUINCEY, Thomas de. *Confissões de um comedor de ópio*. Porto Alegre: L&PM, 2002.
ROSA, Guimarães. *Ficção Completa*, vol. I e II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
SAID, Edward. *Fora de lugar. Memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
VERSIANI, Daniela Beccaccia. Poema inédito, 2011.
VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias. Conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

iAutora

Daniela Gianna Claudia Beccaccia VERSIANI
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio/FAPERJ)
Departamento de Letras
E-mail: daniela.versiani@pobox.com